

Nosso adeus ao Guerreiro Químico Agenor Narciso

Perdemos no sábado, dia 02 de fevereiro de 2019, o guerreiro incansável Agenor Narciso, com 87 anos, vítima de um AVC, e que teve uma vida marcada pela luta em defesa dos trabalhadores e trabalhadoras do setor químico e da classe trabalhadora em geral. “Um lutador incansável, aquele permanente e imprescindível, como dizia o dramaturgo alemão Bertold Bretch”, ressalta o ex-presidente do Sindicato Remigio Todeschini.

Desde 1978 Agenor foi diretor do Sindicato dos Químicos do ABC e na eleição de 1982 encabeçou a chapa de oposição pró-CUT com dezenas de outros companheiros, recuperando o Sindicato para a luta contra o arrocho salarial, melhores condições de trabalho e as perseguições ocorridas durante a ditadura militar.

Em 1983 foi um dos fundadores da Central Única dos Trabalhadores no histórico Congresso realizado no Pavilhão Vera Cruz, oferecendo a casa que hoje é a Associação de Aposentados Químicos do ABC, na avenida Lino Jardim, em Santo André, para que a CUT pudesse dar seus primeiros passos.

Presidiu o Sindicato de 1982 a 1991. Era dinâmico e com seus discursos vibrantes e estridentes nas portas de fábrica e assembleias da categoria Agenor recuperou a história de luta da categoria química do ABC.

Foi trabalhador da Fontoura Wyeth (atual Colgate) em São Bernardo do Campo e liderou importantes greves nos anos de 1980 por reajustes salariais e melhorias das condições de trabalho. Esteve à frente das primeiras greves da categoria química por saúde no ambiente de trabalho, como na Ferro Enamel, em 1984, e greves similares contra a contaminação química na Matarazzo Química e na Solvay Indupa, entre outras.

Em 1985, em uma das poucas viagens internacionais que teve a oportunidade de fazer, conheceu pessoalmente Fidel Castro em Cuba.

Foi ainda um dos impulsionadores da fundação do Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho (DIESAT) em 1980, e das oposições sindicais cutistas.

Está entre os militantes históricos que fundaram o Partido dos Trabalhadores (PT), em 1980, partido pelo qual disputou a vaga de deputado estadual, angariando cerca de 14 mil votos.

Na CUT, integrou a direção nacional desde a primeira gestão. Foi tesoureiro da CUT Estadual São Paulo a partir de 1995, organizando as regionais da central em todo o estado.

Agenor esteve presente em diversos momentos também em Brasília, em especial no período de construção da constituinte popular, livre e soberana, movimento que garantiu importantes direitos aos trabalhadores e à sociedade na atual Constituição Federal, que ora vem sofrendo tantos ataques e dilapidação.

Nos últimos 20 anos morava em Dracena, interior de São Paulo, cidade em que foi candidato a vereador pelo PT em duas ocasiões.

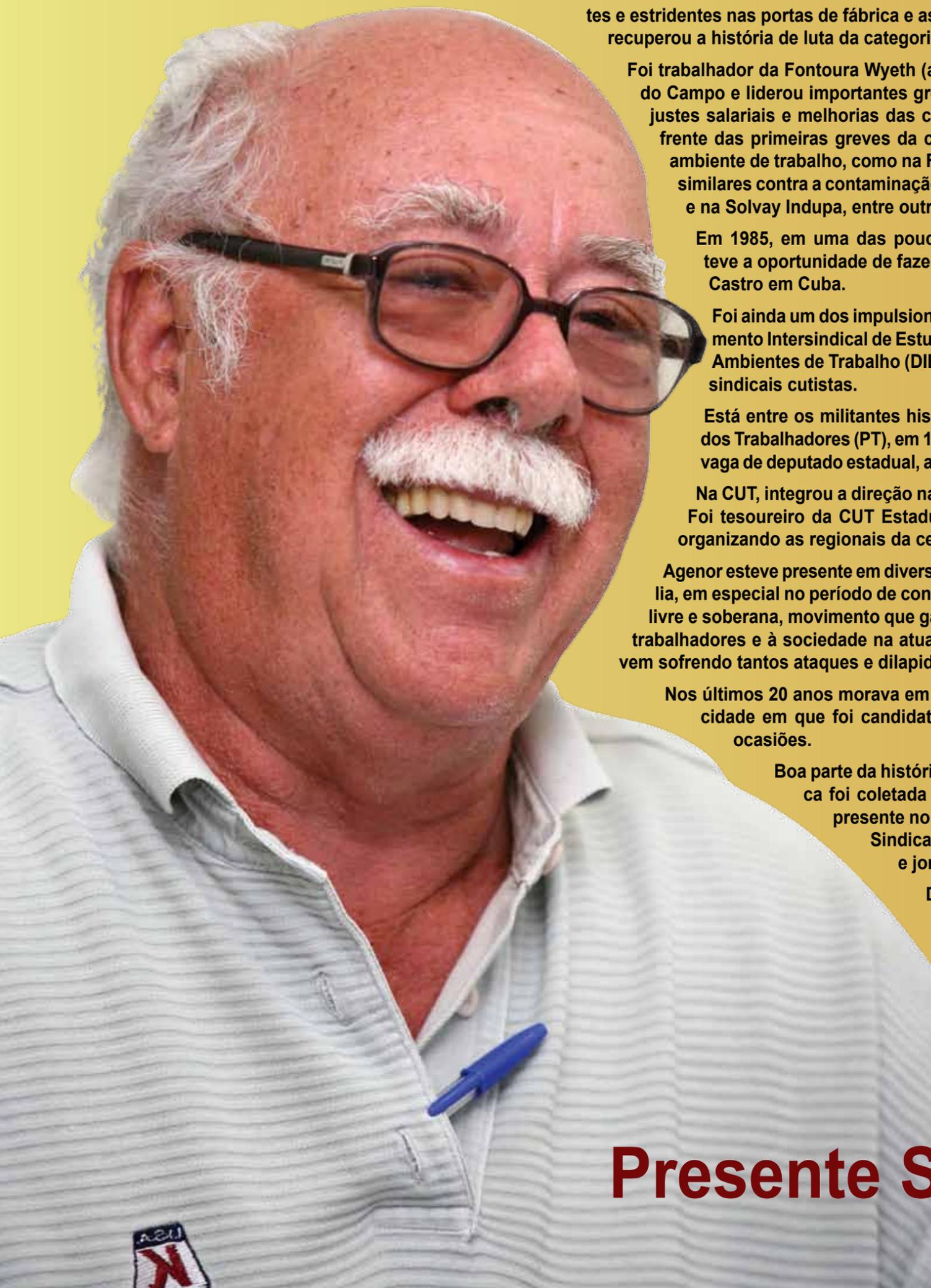
Boa parte da história de Agenor na categoria química foi coletada em depoimento pessoal e está presente no livro que marcou os 70 anos do Sindicato, organizado pelo historiador e jornalista Ademir Médici.

Deixa os filhos Sérgio, Márcio, Márcia e Tereza Cristina e netos.

Para todos nós, trabalhadores, diretores, ex-diretores da categoria química do ABC, é uma perda inestimável.

Agenor Narciso estará sempre presente nas nossas lutas e nos nossos corações!

Presente SEMPRE!



A categoria química do ABC está de luto. A perda do companheiro Agenor é muito dolorida para todos nós. Era um importante quadro nas lutas e ações sindicais e um cidadão que atuava incansavelmente por um mundo melhor, com distribuição de renda e justiça. Seu principal legado: a luta deve ser permanente, não importa o lugar ou ocasião.

Será sempre um exemplo a ser seguido, em especial neste momento difícil do País e da classe trabalhadora. Com certeza estará presente na nossa memória ao darmos continuidade à luta contra o retrocesso de direitos e em defesa da democracia.

Raimundo Suzart, presidente do Sindicato dos Químicos do ABC



Eu tive o privilégio de entrar na diretoria do Sindicato em 1991, exatamente na transição da saída de Agenor da presidência do Sindicato e a entrada do Remi. E tive a oportunidade de homenageá-lo na minha saída da presidência do Sindicato, em 2014, quando concedemos a ele e ao companheiro Remigio o título de Sócio Benemérito. Nesse período fomos visitá-lo em Dracena, cidade em que estava vivendo.

Quando a gente perde lideranças como o Agenor Narciso, a gente perde também parte da nossa história. Vão com eles parte das conquistas, do aprendizado, porque as coisas que não foram escritas, que não foram gravadas, eles levaram. Agenor leva com ele sua sabedoria, sua inteligência, sua capacidade de mobilizar, de convencer e ser convencido.

Difícilmente teremos outros "Agenores", militante forjado num período dos mais difíceis da nossa vida, que foi o fim do regime militar, a retomada da democracia, a reconstrução do movimento sindical e principalmente a construção da CUT.

É uma perda irreparável.

Paulo Lage, ex-presidente do Sindicato (2003 a 2014)



Tive a oportunidade de conhecer o Agenor em 1988 quando era trabalhador da empresa COFADE, e ele era o autêntico dirigente sindical: tinha carisma e sabia falar a linguagem do trabalhador, tanto que mesmo quando saiu da presidência do Sindicato, em 1991, era muito comum os trabalhadores perguntarem sobre ele.

Não tinha medo de desafios, me recordo que, em quando foi solicitado a ele ser tesoureiro da CUT São Paulo - como a central tinha poucos recursos, não era uma função desejada - ele não só aceitou como fez uma grande gestão, criando subseções em todo estado, dando amplitude a nossa central.

A última vez que o vi foi em Dracena, em 2014, já com mais de 80 anos, lúcido e ainda com garra, sonhando com um País melhor. Independente dos cargos que ele exerceu, o resumo que faço dele é 'o verdadeiro militante'.

Agenor presente! Deixará saudades.

Sergio Novais, ex-presidente do Sindicato (1996 - 2003)



É importante revisitar a história dos químicos do ABC desde o fim dos anos 70 quando atuávamos como oposição sindical. O Agenor foi o aglutinador desse processo junto com diversos companheiros.

O então recém instalado pelo petroquímico queria renovação no Sindicato e nos ajudou a virar o jogo e ganharmos a eleição em 1982. Agenor gritava conosco na cobertura do Sindicato: "Sindicato livre", livre para as lutas, gritava com disposição juvenil. Ele já tinha 50 anos, nós todos entre 20 e 30 anos.

Cobrava a presença diária dos diretores nas fábricas para ouvir os trabalhadores. Possibilitou o boletim SindiQuim diário e estava sempre em primeiro lugar nas portas de fábricas.

Ocorreram lutas importantes enquanto ele presidiu o Sindicato: mudança da data-base no Setor de Tintas, lutas de Saúde, incentivo à criação da Comsat (Comissão de Saúde do Trabalhador do Sindicato), necessidade da formação sindical, ampliação da sindicalização.

Seus discursos eram estridentes, mas sempre defendendo os trabalhadores.

Concomitantemente atuava na construção do Partido dos Trabalhadores tanto em Santo André como no estado de São Paulo.

Após sua passagem pela presidência do Sindicato atuou como tesoureiro da CUT São Paulo.

Esse pequeno depoimento no momento em que o novo governo quer cortar direitos nos remete a reativarmos lutas para atender e organizar melhor os trabalhadores químicos, com presença nas fábricas, atuação em redes sociais e grupos de "zap" nas fábricas, entre outros meios.

Remigio Todeschini, ex-presidente do Sindicato 1991 - 1996



Sempre tive enorme carinho por ele. Agenor faz parte da minha história e sempre que revisito minha trajetória encontro-me com ele. Sua força, dinamismo e compromisso deram vida ao Sindicato dos Químicos do ABC, ao Movimento Sindical e à CUT.

Ainda muito jovem tive a honra de partilhar dos mesmos espaços que ele, uma oportunidade singular de grande aprendizado.

O chão da fábrica da Fontoura Wyeth nos uniu como dirigentes na mesma base, nos mesmos sonhos e nas mesmas preocupações com a qualidade de vida de trabalhadores e trabalhadoras.

As trabalhadoras químicas puderam contar com a cumplicidade, experiência e apoio desse companheiro na luta por respeito, direitos e igualdade. Em nenhum momento nos faltou uma palavra, um gesto ou atitude para somar nesta caminhada.

Tenho muito orgulho dessa convivência. Descanse em paz guerreiro.

Ivete Garcia, diretora do Sindicato de 1985 a 1991. Foi vereadora, presidenta da Câmara, vice prefeita e secretária de Orçamento e Planejamento de Santo André

Agenor era realmente um exemplo de dedicação a causa sindical e depois à causa política do PT. A disposição de luta, de briga, de intransigência com os interesses dos trabalhadores, o Agenor era exemplo disso, isso é inegável. Pode ter havido várias divergências políticas entre a gente, isso existia, está na história do Sindicato, mas realmente é de se admirar o que ele fez pela categoria no período em que ele esteve na direção.

Um cara que nunca foi de fazer desvios, morreu limpo na sua pureza sindical. Eu desconheço acusações contra ele de corrupção ou coisa parecida.

Ele era muito decidido e só ouvia algumas pessoas, como o Lula, e às vezes o Vicentinho, mas não era muito de dar bola pra intelectual, cientista político. No máximo respeitava os advogados.

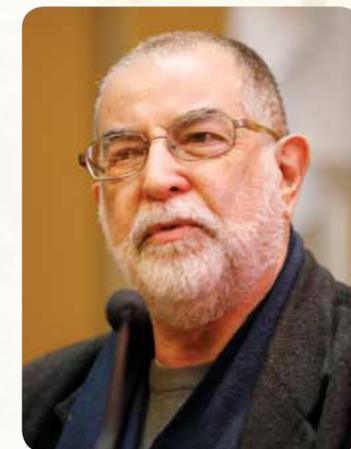
Era um negociador que media muito as consequências, e priorizava os acordos. Ele era muito bom nisso. Ele chegava lá na empresa, fazia panfletagem, conversava com o pessoal e não dava dois ou três dias para os trabalhadores cruzarem os braços e a gente ia lá negociar melhor condições de trabalho.

Foi pra CUT, fez um bom trabalho, foi um tesoureiro muito firme, muito honesto. Se não fosse ele a CUT não teria comprado aquele prédio no Brás, que hoje está vendendo.

Eu não era amigo pessoal do Agenor. Uma vez só na minha vida consegui convidá-lo pra almoçar comigo. Estávamos numa panfletagem na Glasurit, eu morava perto da empresa, falei pra ele que minha mulher estava fazendo almoço pra nós e foi a única vez que a gente almoçou junto. Uma pena, depois ele foi para um lado, eu pra outro. A gente se via raramente.

Um cara que merece todo o nosso respeito.

José Drummond, diretor do Sindicato de 1982-2000. Foi companheiro de Agenor na oposição cutista, integrando a Chapa que ganhou a direção da entidade em 1982



Em 1978 cheguei do interior e fui trabalhar na antiga Quimbrasil. Eu logo me filiei ao Sindicato e lembro de ter visto o Agenor numa das assembleias na sede da entidade, era uma figura marcante, com um enorme bigode, careca e tinha um discurso forte, voz bastante alta, estridente.

Por meio de um outro companheiro químico, Joaquim Holanda, Agenor me procurou para compor a chapa de oposição. Precisavam de alguém da Quimbrasil, pois o encabeçador da Chapa 1 era da empresa e a oposição precisava ter alguém para ao menos dividir os votos na fábrica. Em princípio, por ser mensalista, eu não me achava a pessoa mais indicada, por isso indiquei outros companheiros, que não aceitaram. Mas ele não desistiu. Agenor pegava o carro e ia em casa, foram quatro domingos pra me convencer a participar da Chapa. Daí nós ganhamos a eleição e até fomos bem votados na Quimbrasil.

O Agenor era um cara muito trabalhador, super comprometido, tão comprometido que chegava até a ser engraçado. Na época ele passava em casa para irmos nas portas de fábrica. Ele marcava 5h15 da manhã, e quando eu chegava, ele já tinha ido embora. Perdi muitas caronas até descobrir que o relógio dele estava sempre adiantado em 10 minutos. Depois disso, eu chegava mais cedo também.

Agenor tinha uns discursos muito fortes e a gente brincando com isso, enumerando os discursos de 1 a 5, sendo do mais leve ao mais contundente. Então dizíamos: "Vai véio, mete o 5 aí!", ele entrava na brincadeira e também falava: "Hoje vou meter o 5 aqui".

Vai deixar muita saudade.

Edilmo Oliveira Lima, diretor do Sindicato de 1982 - 1991, integrante da primeira direção cutista do Sindicato



O historiador e jornalista Ademir Médici homenageou Agenor Narciso na sua tradicional coluna Memória, do DGABC, em 05/fev/2019

2. Setecidades/História
memória

30 anos

TERÇA-FEIRA, 5 DE FEVEREIRO DE 2019

ADEMIR MEDICI

O adeus do líder químico do Grande ABC

trabalho & saúde

Interação com Facebook

'As odaliscas explícitas'

A festa em o seguinte: todo santo Carnaval ela desfilava. Da crônica de Lourenço Dalério publicada pelo Diário em 5 de fevereiro de 1989. Confira a página no Facebook da Memória - acessem a estante acima.

Diário há 30 anos

Domingo, 5 de fevereiro de 1989 - ano 31, edição 6981

Manchete - Carnaval 1989 abre com o maior congestionamento: 77 mil carros no sábado

Assembleia/Ingressantes
II 'Constituição' e 'Obitório' entre os destaques de sua no Grande ABC.
III Associação dos Funcionários Públicos de São Bernardo faz o Carnaval nos Cabreúvas.

Em 5 de fevereiro de...

1919 - Os terra da Igreja (São Paulo Railway, que cruzam a região estão criando com ruído abeno, devido aos transformos das bobinas nos pontos de linha onde temporariamente mudam a direção.
Foram suprimidos bens para a instalação de repórter entre Piaç (Mauá) e São Paulo (Pinarapicaba).
Francisco Eugênio de Campos, chefe do bloco da SPT, transmite telegrama diretamente de Pinarapicaba, informando:
II Avião com passageiros que, além de bobina de km 42,5, tem uma extensão de 200 metros, tendo de subir ou descer a pé um plano íngreme da serra, com muita dificuldade devido ao mau tempo.
III Houve demora nos trens e o conforto não garante levar os passageiros ao seu destino, visto continuarem as quebras das bobinas.
IV Os passageiros que embarcaram emontem na Capit. direção a Santos, tiveram que voltar do Itaipava. Pica, seguindo-se alguns a pensar no rio da Serra.
Internacional - Do noticiário do Estado: a greve dos eletrônicos de Londres, a retirada das tropas aliadas da a prorrogação bochecha nas Estacas Unidas.

AÇÃO E HISTÓRIA. Agenor Narciso em 12 de novembro de 1988 discursando na Praça do Carmo, em São André, e em 1984 na capa da Revista do Diest, propagando luta inédita pela saúde do trabalhador.

AGENOR NARCISO
Mauá, SP, 30.12.1981 - São Paulo, SP, 7.2.2018

"De cada um dos movimentos que existiram, os químicos aumentaram suas lutas e fortaleceram a organização e a consciência da categoria como um todo."
C. Agenor Narciso, em livro dos 70 anos do Sindicato dos Químicos do ABC, 2008.

1988
Agenor Narciso foi diretor do Sindicato dos Químicos do ABC desde 1976, e em 1982 encabeçou a etapa de oposição, com dezenas de outros companheiros, conquistando a direção da entidade. Presidiu o sindicato de 1982 a 1995.

De Agenor Narciso, diz outro químico histórico, Remigio Todeschini, que presidiu o mesmo sindicato:
"Agenor era dinâmico e com suas discussões vibrantes e estendidas nas reuniões e assembleias da categoria reuocou a história da luta dos Químicos do ABC."
II Esteve presente na maioria das lutas importantes da categoria química e da Central Única dos Trabalhadores no Estado de São Paulo.
III Foi traçador da antiga Forquara, na Via Anchieta, em São Bernardo, local onde hoje tem a Colégio Palmolive. A Forquara foi a maior fábrica química dos anos 1980, com mais de 4.000 trabalhadores.
III Lutas e a primeira greve dos químicos por mais saúde, a greve da Feno Evamim, em 1984, mais a da Maternidade Química de São Caetano e a da Schaeff. Tão participativo ativa na fundação e consolidação do Diest (Departamento Interindustrial de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho), desde o ano de 1980.
III Quando presidente do Sindicato dos Químicos do ABC, ele disponibilizou a sede da entidade, na Rua Lino Jardim, em São André, para a sede da primeira sede do CUT regional, da qual foi diretor.
III Foi tesoureiro da CUT estadual, a partir de 1985, organizando as reuniões da mesma em todo o Estado de São Paulo.
III Nos últimos 20 anos morou em Duqueira, no interior de São Paulo, sempre atuando politicamente.
III Agenor trouxe para a categoria informações importantes da história da categoria química, parte da qual está publicada no livro sobre os 70 anos do Sindicato dos Químicos do ABC, lançado em 2008.

A PARTIDA
Agenor Narciso, que aos 87 anos, vítima de um AVC, ele esteve internado no Hospital Santa Magdala, em São Paulo, aos cuidados de José Narciso e Lúcia Mendonça, filha de João Narciso e Lúcia, Tereza de Deus e filha Sérgio, Marco, Márcia, Tereza e Cláudia e netos. Seu corpo foi sepultado, domingo, no Cemitério Nossa Senhora do Carmo, na Via Cutupá, em São André.



Agenor Narciso, em foto recente, por ocasião da ida de Luiz Marinho a Dracena, durante a campanha eleitoral de 2018



2000. Delegação dos Químicos do ABC no VIII Congresso Estadual da CUT São Paulo 17 a 20 de julho. Juntos, os quatro presidentes cutistas do sindicato Agenor, Remi, Novais e Paulo Lage



2014. Sergio Narciso recebe a placa de homenagem ao seu pai, de sócio benemérito, das mãos do então presidente do Sindicato, Paulo Lage



1982: Agenor discursa em assembleia. Ao lado, os membros da CHAPA 2, de Oposição, que iria mudar os rumos do Sindicato naquele ano



1989. 1º de Maio na Praça da Sé. Da esq. p/ dir.: Agenor Narciso, presidente do Sindicato dos Químicos do ABC; Arlindo Chinaglia, presidente da CUT Estadual; Jorge Coelho, tesoureiro da CUT Estadual; Lula, candidato a presidente da República e João Amazonas, presidente do PC do B



1983. Agenor Narciso, agora presidente do Sindicato



1981. Delegados Químicos na construção da CUT: Luizão (1º à esquerda), Joaquim Holanda, Drummond, Cosme (Risadinha), Olavo, Wilson, Sebastião, Juraci, Joaquim Alencar, Agenor Narciso e Lino



1981. Agenor compõe uma das mesas do II Congresso dos Químicos do ABC